

## GÊNERO E DOCÊNCIA: PROBLEMATIZAÇÕES SOBRE FEMINILIDADES E MASCULINIDADES

Elânia Francisca da Silva <sup>1</sup>

Eugêrbia Paula da Rocha <sup>2</sup>

Elaine de Jesus Souza <sup>3</sup>

### INTRODUÇÃO

A escola configura-se como uma das instituições fundamentais para a (des)construção de identidades e diferenças, visto que, é um campo de aprendizagem e socialização. Destarte, o ambiente escolar contribui para o desenvolvimento de masculinidades e feminilidades que não se limitam ao determinismo biológico, pois as identidades/diferenças de gênero constituem construções socioculturais, políticas e subjetivas.

No entanto, ao direcionarmos este olhar sobre os/as docentes é perceptível a prevalência de padrões estereotipados e hegemônicos que são repassados nas escolas contribuindo para a invisibilidade das identidades sexuais e de gênero dos/as estudantes. Usualmente, a formação docente reforça padrões cisheteronormativos devido a carência de disciplinas sobre as temáticas corpo, gênero e sexualidade que compõem a Educação Sexual, o que dificulta uma abordagem sistemática e permanente dessas questões nos currículos escolares e acadêmicos.

Nesse contexto, ressaltamos a importância de uma formação docente que aborde as temáticas de gênero, sexualidade, masculinidades e feminilidades visando disseminar (in)formações sobre identidades/diferenças combatendo as desigualdades de gênero, preconceitos e discriminações presentes nas escolas e na sociedade. Desse modo, salientamos que nessa pesquisa articulam-se os estudos culturais pós-estruturalistas com aporte em teorizações foucaultianas e estudos de gênero, com ênfase nas masculinidades e feminilidades. Com o objetivo geral: *problematizar discursos sobre gênero, feminilidades e masculinidades a partir de olhares docentes*.

Na teia do poder que se tece silenciosa, se entrelaçam enunciados sobre gênero, sexualidade, feminilidades e masculinidades baseando-se em discursos patriarcais, machistas, misóginos, sexistas, que propagam desigualdades de gênero dentro e fora do ambiente escolar.

---

<sup>1</sup> Mestranda do Curso de Pós-graduação em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe- UFS, [elania965@gmail.com](mailto:elania965@gmail.com);

<sup>2</sup> Doutoranda do Curso de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal de Uberlândia- UFU, [eugerbipaula@gmail.com](mailto:eugerbipaula@gmail.com);

<sup>3</sup> Professora Permanente do Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática da Universidade Federal de Sergipe – PPGECA/UFSE e Professora Adjunta da Universidade Federal do Cariri/UFCA, [elaine.souza@ufca.edu.br](mailto:elaine.souza@ufca.edu.br)

Nesse sentido, Louro (2007) destaca que gênero consiste em uma construção histórica, social, discursiva sobre os significados de “ser homem” e “ser mulher” (re)produzidos na/e pela cultura ao longo da vida dos sujeitos, ou seja, trata-se de um processo contínuo que engloba diferentes modos de subjetivação, que moldam os indivíduos a partir de suas experiências, discursos e relações de poder. Sendo assim, o gênero engloba diferentes expressões e representações de feminilidades e masculinidades, que ultrapassam as barreiras do viés biológico e a denotação de “papéis sexuais” determinados pela sociedade patriarcal.

Enfatizamos a importância de problematizar a abrangência das dimensões de gênero englobando as múltiplas feminilidades e masculinidades. Deste modo, nesta pesquisa, entendemos as feminilidades como múltiplas formas de tornar-se mulher, trata-se de um processo contínuo que abrange distintas categorias de raça, etnias e classe sociais, além de gênero e sexualidade (Souza; Rocha, 2023). Nessa direção, Louro (2017) além de reconhecer a importância da cultura na produção de feminilidades, ressalta que se trata de um processo contínuo, construído ao longo da vida, passível de transformações. O conceito de masculinidades, segundo Castro (2018), abrange um processo histórico constituído por marcadores sociais de gênero, distinguindo homens de mulheres, onde eles são tidos como superiores e elas submissas, essa desigualdade se torna evidente no mercado de trabalho em relação a carga horária, os tipos de funções e a questão salarial. Tais assimetrias nas relações de gênero são reproduzidas no ambiente escolar e familiar, Louro (2017) nos lembra que essas desigualdades começam a ser impostas, histórica e socioculturalmente, desde o nascimento com as segregações entre cores, brinquedos, vestimentas e atributos considerados masculinos e/ou femininos (Louro, 2017).

Nessa perspectiva, compreendemos gênero como um organizador social que problematiza “modelos binários” atribuídos a homens e mulheres, pois possibilita visibilizar diferentes masculinidades e feminilidades (Souza; Maknamara, 2024). Margaret McLaren (2016) salienta que, usualmente, masculinidades e feminilidades descrevem categorias sociais normativas, dicotômicas e prescritivas, na tentativa ilusória de impedir ambiguidades de gênero, pois determina-se histórica e socioculturalmente: “o que um homem é, uma mulher não é” e vice-versa.

## CAMINHOS METODOLÓGICOS

Este estudo trata-se de um recorte de uma pesquisa qualitativa mais abrangente sobre a Educação Sexual acerca de feminilidades e masculinidades no contexto escolar, desenvolvida com 5 egressos/as de um curso de Licenciatura Interdisciplinar em Ciências Naturais e

Matemática do Instituto de Formação de Educadores (IFE) da Universidade Federal do Cariri que atuam como docentes da rede pública de ensino de escolas municipais do Cariri Cearense. Como procedimento investigativo realizamos entrevistas individuais semiestruturadas com quatro egressos/as, baseada em um roteiro de perguntas norteadoras sobre gênero, feminilidades e masculinidades. Tendo em vista que as entrevistas se constituem como um instrumento potente de investigação e produção do material empírico que se usa para captar informações dos/as sujeitos, os quais se encontram presentes no ambiente da pesquisa que será realizada (Klein; Damico, 2014).

As entrevistas foram realizadas de forma virtual pela plataforma do *Google Meet* por ter sido realizada no ano de 2021 em decorrência da pandemia da COVID-19. Informamos que seguimos todos os procedimentos éticos, foram utilizados nomes fictícios para os/as participantes e todos/as assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) concordando com a participação voluntária na pesquisa. Para tanto, como procedimento analítico nos inspiramos na análise foucaultiana do discurso, para examinar os principais enunciados sobre gênero, feminilidades e masculinidades.

A seguir apresentamos o quadro do perfil sociodemográfico dos/as participantes da pesquisa com seus respectivos nomes fictícios, as múltiplas identidades dos/as licenciados/as como a faixa etária dos/as participantes, identidades sexual e de gênero, religião, local onde residem e as escolas onde trabalham ou não.

**Quadro 1:** *Perfil dos/as Participantes das entrevistas semiestruturadas*

NOME	IDENTIDADE DE GÊNERO	IDENTIDADE SEXUAL	IDADE	RELIGIÃO	RESIDÊNCIA
Luíza	Feminino	Heterossexual	24 anos	Católica	Porteiras-CE
Laura	Feminino	Heterossexual	23 anos	Católica	Abaíara-CE
Xavier	Masculino	Heterossexual	32 anos	Católico	Mauriti- CE
Maria	Feminino	Heterossexual	22 anos	Evangélica	Brejo Santo-CE

**Fonte:** pesquisadoras (2021)

A seguir apresentamos um recorte das falas dos/as participantes da pesquisa problematizando os principais enunciados que constituem os discursos e se relacionam com a temática de gênero.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A partir do material empírico produzido através de entrevistas semiestruturadas com egressos/as, capturamos os principais enunciados sobre feminilidades e masculinidades. Para iniciarmos essa problematização, destacamos o entendimento de gênero desses/as

licenciados/as, quando questionamos O que você entende por gênero? Xavier: “[...]é complicado[...] gênero está ligado na espécie ali. Então, na espécie humana tem o homem, tem a mulher. E para que haja a procriação tem que haver uma relação, entre o homem e a mulher, ou seja o macho e a fêmea”. Atualmente ainda é comum docentes relacionarem o gênero a reprodução e a distinção entre macho e fêmea referente a genitália. É preciso superar essa visão reducionista biologicista/higienista sobre gênero, buscando reconhecer as dimensões socioculturais, subjetivas e políticas.

A partir de Louro (2014), compreendemos que gênero consiste em um conjunto de identidades/diferenças marcadas por diferentes discursos, símbolos, representações e práticas, na formação dos sujeitos enquanto masculinos e femininos. Desse modo, torna-se notório que falar sobre homens e mulheres ultrapassa diferenças biológicas, sendo necessário questionar o modo como as diferenças são utilizadas para justificar a produção de desigualdades sociais. Ademais, a forma como essas diferenças são enxergadas, ditas e construídas interferem diretamente na suas (des)valorizações sobre a construção da feminilidade e masculinidade perante a sociedade (Louro, 2014).

Entretanto, Luiza diverge de Xavier, ao enunciar: “*Gênero é como você se identifica, geralmente quando se vai preencher um questionário só tem gênero masculino, e feminino e vai muito além disso[...]*”. A partir dessa fala, evidenciamos um entendimento abrangente sobre gênero, além de fazer uma crítica ao binarismo, usualmente, marcante em questionários que designam como gênero somente o masculino e feminino, apesar de algumas entidades já terem designado outras categorias ao se questionar sobre o gênero. O enunciado gênero “*vai muito além disso*”, nos remete a reformulação do conceito de gênero e suas origens na década de 70 através de pensamentos feministas que buscavam os mesmos direitos para homens e mulheres que utilizavam uma ideia de diferença produzida pela cultura e social. No decorrer dos anos ocorreu o englobamento de outras categorias para se referir a identidade de gênero ultrapassando o masculino e feminino (Piscitelli, 2009).

A partir do questionamento: *O que você entende por Feminilidade?* Destacamos os principais ditos de Luiza: “*é mais o jeito, o jeito meigo da mulher ser*” e Maria “[...]é *direcionada ao sexo feminino, a própria cultura pra treinar pra ser mãe, brincar de boneca, cuidar da casa, sempre é mais visto como papel da mulher[...]*”. Essas falas se referem a norma padrão hegemônica de feminilidade. Tais enunciados denotam os direcionamentos impostos pela sociedade sobre as diferenças entre homens e mulheres e o que elas deveriam fazer para serem aceitas na sociedade.

Diante disso, é válido questionar qual é esse papel da mulher na sociedade? A noção arbitrária de “papéis sexuais” tradicionais distintos para homens e mulheres alicerça uma educação separada de meninos e meninas (Furlani, 2011). Essa educação diferenciada entre os gêneros é (re)produzida na família, escola e demais espaços socioeducativos, por meio de discursos que constroem desigualdades entre meninos/homens e meninas/mulheres, como se desde a infância existisse um modo certo de “ser menino/menina”. Esse processo hierárquico, que se sobressai na infância a partir da separação de cores, vestimentas, acessórios e brinquedos, como símbolos de um padrão sociocultural hegemônico e segregador de gênero, percorre toda a vida adulta, legitimando desigualdades entre homens e mulheres (Louro, 2017; Meyer, 2004).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados evidenciaram que ainda é comum docentes relacionarem o gênero ao sexo biológico e a distinção entre macho e fêmea referente a genitália. Por outro lado, algumas egressas demonstraram entendimento sobre gênero de forma mais ampla levando em consideração os aspectos socioculturais. Além disso, os enunciados apontam direcionamentos impostos pela sociedade sobre padrões hegemônicos de masculinidades e feminilidades. Desse modo, torna-se necessário questionar discursos essencialistas, visando reconhecer corpos e gêneros como construções socioculturais, políticas e subjetivas marcadas por uma multiplicidade de identidades/diferenças que constituem a dimensão humana.

**Palavras-chave:** Docentes, gênero, feminilidades, masculinidades.

## REFERÊNCIAS

CASTRO, Susana. **O papel das escolas no combate às masculinidades tóxicas**. 2018.

FURLANI, Jimena. **Educação sexual na sala de aula: relações de gênero, orientação sexual e igualdade étnico-racial numa proposta de respeito às diferenças**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

KLEIN, Carin; DAMICO, José. O uso da etnografia pós moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social.: MEYER, Dagmar Estermann; PARAÍSO, Marlucy Alves (Org.). **Metodologias de pesquisas pós críticas em educação**, 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2014. p. 6587.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação: das afinidades políticas às tensões teórico metodológicas. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, n. 46, p. 201-218, dez. 2007.

LOURO, Guacira Lopes. **Flor de Açafrão: takes, cuts e closeups**. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis: vozes, (16 ed). 2014.

MCLAREN, Margaret A. **Foucault, feminismos e subjetividade**. São Paulo: Intermeios, 2016.

MEYER. Dagmar Elisabeth Estermann. Teorias e políticas de gênero: fragmentos de histórias e desafios atuais. **Revista Brasileira de Enfermagem, Brasília**, v. 57, n. 1, p. 13 -18, jan./fev. 2004.

PISCITELLI, Adriana. **Gênero: a história de um conceito**. In: ALMEIDA, H. B.; SZWAKO, J. E. Diferenças, igualdade. São Paulo: Berlendis e Vertecchia, 2009. p. 116-149.

SOUZA, Elaine de Jesus; ROCHA, Eugêrbia. Paula. “Minha feminilidade não é vivida nos padrões”: (des)construções estudantis acerca de feminismos e feminilidades. **Revista Feminismos, [S. l.]**, v. 11, n. 1, 2023. DOI: 10.9771/rf.v11i1.46290. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/feminismos/article/view/46290>. Acesso em: 27 maio. 2025.

SOUZA, Elaine de Jesus; MAKNAMARA, Maelécio. **Biologias para questionar: saberes e ensinar vidas**. João Pessoa: Ideia, 2024.